



MARCELINO MESQUITA

---

TEATRO COMPLETO

---

I



---

MMVI

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Teatro Completo  
Vol. I

*Autor:* Marcelino Mesquita

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Miguel Antunes Pereira

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2006

*ISBN:* 972-27-1516-X

*Depósito legal:* 250 133/06

MARCELINO MESQUITA

---

# TEATRO COMPLETO

---

I

Pesquisa, organização e introdução  
de DUARTE IVO CRUZ

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

*PÉROLA*  
(*episódio da vida académica*)

**Comédia-drama em 5 actos**

Representada, pela primeira vez, no Teatro do Príncipe Real, em 23 de  
Maio de 1885.

# PÉROLA

## PERSONAGENS

- ANTÓNIA PERES (PÉROLA), 21 anos, morena, cabelo e olhos negros  
HELENA PERES, mãe de Pérola, 50 anos, tipo decadente  
JOÃO REBELO, estudante de Medicina, 25 anos, cabelo curto, barba preta e pontiaguda  
FREDERICO REBELO, pai de João, 60 anos, barba quase branca, robusto e correcto
- MARIANO }  
CRUZ } estudantes de Medicina, 25 anos  
BRAGA }
- JULIETA, 15 anos, loura, anémica, magra  
DR. PATRÍCIO, brasileiro, 40 anos  
Uma FEITICEIRA  
MARIA, criada de Julieta  
JOSEFA, criada de Pérola  
DOMINGOS, criado de Pérola



*Actualidade — 1885.*

## ACTO I

*Sala, luxuosa, de Pérola. Um grande espelho num dos lados; no outro, um retrato de mulher, de largo chapéu de pluma. Um piano. Sobre uma mesa um álbum. Uma panóplia, flores, uma viola.*

## CENA I

DOMINGOS (*espreguiçando-se no sofá, olha o relógio*) — Três horas, hem? Onde iriam estas senhoras? Fazem bem... a pequena a andar, por fora, a estas horas! Os diabos das mulheres não têm juízo nenhum. Tão doida é a mãe como a filha! (*Para dentro:*) Ó Sr.<sup>a</sup> Josefa?

Voz (*dentro*) — Que é?

DOMINGOS — Ainda está acordada? (*Levanta-se e acende um cigarro.*)

## CENA II

Entra JOSEFA

JOSEFA — Olha que admiração; então não havia de esperar a senhora? Isto é caso raro. A menina às três horas fora de casa. Acontecer-lhe-ia alguma coisa?

DOMINGOS — É perigoso, é. Lá a roubaram para alguma igreja.

JOSEFA — Você é muito fino. O modo como fala de quem o sustenta e veste, sem trabalho nenhum!

DOMINGOS — Sem trabalho?

JOSEFA — Ó coitado! tenho pena de quem o vê. Como está magro. Que fez você hoje, todo o dia? Lavou os vidros das janelas da casa de jantar. Safa! olhe que você arruína-se, se não tem cuidado em si. (*Pausa.*)

DOMINGOS — O alemão esteve cá hoje? Eu não dei por tal.

JOSEFA — Esteve, de tarde, aí pelas cinco horas.

DOMINGOS — Ah! dinheiro fresco, pândega rija.

JOSEFA — Sim, que a pobre menina está muito costumada a divertimentos! Ela governa, aqui, muito.

DOMINGOS — Olhe, menos governo eu.

JOSEFA — Ponho-lhe as minhas dúvidas.

DOMINGOS — Nada de gracinhas, minha linda. (*Ouve-se uma carruagem.*) Elas que chegam. Vou para o quarto. Vá alumiar a escada.

JOSEFA — Obrigada, pela nova. (*Sai.*)

### CENA III

DOMINGOS (*indo à janela*) — Vêm acompanhadas? Ora esta; não é, decerto, o alemão. Ora, Deus queira que não tenhamos tolice. (*Sai.*)

### CENA IV

Entram HELENA, ANTÓNIA, JOSEFA e JOÃO

ANTÓNIA (*a Josefa*) — Podes ir deitar-te. Recolheste a *Tibéria*?

JOSEFA — Sim, minha senhora.

JOÃO — A *Tibéria*?

ANTÓNIA — Uma macaca, engraçadíssima.

HELENA — Tão engraçada que não há uma cortina inteira, nas janelas; rasga tudo.

ANTÓNIA — E não tem graça?... É justamente por isso que é engraçada, (*a João*) não acha?

JOÃO — Decerto; é deliciosa, a macaca. Comprou-a?

ANTÓNIA — Foi um presente.

JOSEFA — Posso retirar-me?

ANTÓNIA — Sim, podes.

HELENA — Fechaste bem a porta da escada?

JOSEFA — Sim, minha senhora.

HELENA — Podes ir-te.

(*Sai Josefa.*)



## CENA V

ANTÓNIA (*tirando o chapéu ao espelho*) — Como lhe dizia, foi um presente. Um africano com quem vivi, quatro anos, encheu-me a casa de araras, de papagaios... uma colónia indígena. Resta apenas a *Tibéria*, como o último representante dum amor um pouco escuro.

JOÃO — E ardente?

ANTÓNIA — Ardente e fatal! O pobre bruto alcançou-se, dizem, por minha causa e matou-se, uma noite, no Hotel do Ocidente.

JOÃO — Puro Otelo.

ANTÓNIA — Somente a Desdémona vive.

JOÃO — Conhece a tragédia?

HELENA — Boa noite, Antónia.

ANTÓNIA — Boa noite.

(*Beijam-se.*)

HELENA (*a João*) — Boa noite.

JOÃO — Boa noite, minha senhora.

(*Sai Helena.*)

## CENA VI

### JOÃO e ANTÓNIA

ANTÓNIA (*sentando-se num sofá e fazendo sinal a João para se sentar*) — Sente-se aqui.

JOÃO (*de pé*) — Quem é esta mulher?

ANTÓNIA — Minha mãe.

JOÃO — Sua mãe?

ANTÓNIA — Sim, minha mãe; que há nisto de extraordinário?